



Educação Inclusiva e Roteiro Teatral: o caso de uma abordagem via Imaginação Pedagógica em um curso de Licenciatura em Matemática

Inclusive Education and Theatrical Script: an approach through Pedagogical Imagination in a Mathematics Teaching undergraduate

Ana Luiza Muniz Corrêa

Rafael Peixoto

Vanessa de Paula Cintra

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Uberaba-Brasil

Resumo

Neste texto, buscamos analisar os impactos na formação inicial dos futuros professores de Matemática, ao trabalharem com a Imaginação Pedagógica por meio do Roteiro Teatral na perspectiva inclusiva. A pesquisa é de cunho qualitativo e os dados que permeiam esta investigação foram obtidos durante uma disciplina de Prática como Componente Curricular. A análise é dividida em três seções: “Os caminhos percorridos para a elaboração do Roteiro Teatral: leituras e Imaginação Pedagógica”, “Inclusão e suas percepções” e “Influências na formação inicial dos participantes”. Sendo assim, os participantes, enquanto futuros docentes, puderam desenvolver suas compreensões sobre Inclusão e sala de aula inclusiva, permeadas pelo convite da Imaginação Pedagógica para elaborar o Roteiro Teatral, com ênfase e destaque nas potencialidades de uso de tais ferramentas para a prática.

Palavras-chave: Deficiência; Formação Inicial Docente; Prática como Componente Curricular.

Abstract

This text analyzes the impacts of working with pedagogical imagination through theatrical script from an inclusive perspective in the initial training of future mathematics teachers. The data for this qualitative research was collected during the subject 'Practice as a Curricular Component'. The analysis is divided into three sections: Paths taken to prepare the Theatrical Script: “Readings and Pedagogical Imagination”, “Inclusion and its perceptions”, and “Influences on the initial training of participants”. As future teachers, participants could develop their understanding of inclusion and the inclusive classroom through Pedagogical Imagination's invitation to develop a Theatrical Script, emphasizing and highlighting the potential of using such tools in their practice.

Keywords: Deficiency; Initial Teacher Training; Practice as a Curricular Component.

1. Introdução

Neste texto, abordamos as temáticas Educação Matemática, Teatro e Inclusão. Fazemos isso a partir dos resultados de uma pesquisa com alunos de um curso de Licenciatura em Matemática que, durante uma disciplina de Prática como Componente Curricular (PCC), apoiados no processo de Imaginação Pedagógica (IP), elaboraram Roteiros Teatrais que abordassem o tema Inclusão. A partir do trabalho desenvolvido, buscamos discutir os impactos na formação desses futuros professores de Matemática participantes da pesquisa.

O Teatro é uma forma de expressão antiga, que remonta aos primórdios da humanidade (Berthold, 2000), em que a encenação e a interpretação já estavam presentes no cotidiano dos povos, representando diversas situações, como caças, conversas e disputas. A relação entre Teatro e Educação se expande ao longo da história e, de acordo com Lacerda (2015, p.14), isso ocorre “ao passo que as manifestações teatrais possibilitam a comunicação e discussões referentes a questões humanas”.

A Educação Inclusiva tem como marcos iniciais a Declaração de Salamanca (1994) e a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990), que promovem a diversidade na educação. Esses documentos estão alinhados com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que garante o direito à educação para todos os seres humanos. Essas declarações afirmam que todas as pessoas têm direito à educação, garantindo inclusão para todos e cabe à escola organizar-se para receber os alunos com deficiência (Brasil, 2001).

Para Cintra e Penteado (2018), incluir alunos com deficiência em sala de aula implica em demandas, dentre elas a formação do professor. Assim, consideram a formação inicial uma oportunidade para ocasionar a compreensão de situações de ensinar e aprender para a diversidade, sendo o despreparo prejudicial para os professores desenvolverem práticas que auxiliem na aprendizagem de alunos com deficiência.

Assim, consideramos trabalhar com Roteiro Teatral apoiado no processo de Imaginação Pedagógica, o que permite aos futuros professores pensar possibilidades para situações que venham a colocar em exercício o imaginar situações que envolvam uma educação inclusiva. Para direcionar este trabalho, consideramos responder: Como o processo de elaboração de um Roteiro Teatral, apoiado na Imaginação Pedagógica, pode contribuir para a formação inicial de professores de Matemática na perspectiva inclusiva?

2. Referencial bibliográfico

Buscamos um referencial bibliográfico que explorasse Teatro, Educação Matemática e Inclusão, utilizando plataformas como Scielo, periódicos e o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Utilizamos os conectores “teatro AND matemática AND inclusão”, “educação inclusiva AND teatro AND matemática”, “teatro AND educação matemática AND inclusão”, e encontramos a dissertação intitulada “Dos (Des)caminhos de Alice no País das Maravilhas ao Autístico Mundo de Sofia – A Matemática e o Teatro dos Absurdos”, de Cordeiro (2015).

Cordeiro (2015) analisa a obra literária de autoria de Lewis Carroll “Alice no País das Maravilhas”, bem como “O Mundo de Sofia”, de Jostein Gaarder, faz uma conversação entre as duas obras literárias e busca relacionar o Teatro do Absurdo com os elementos da Matemática presentes nas obras literárias – a inclusão se dá através da análise das protagonistas Sofia e Alice durante suas jornadas. Por meio de suas distintas personalidades e visões, o autor traz a curiosidade de Alice e a visão autística de Sofia, referindo-se ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), com seu distinto modo de pensar e suas experiências, como diversidade para a história. A dissertação ressalta a relevância do Teatro do Absurdo e de obras literárias para promover reflexão e inclusão, destacando a importância da inclusão tanto na Educação Matemática quanto na sociedade em geral.

Detectamos uma escassez de estudos que abordam as três temáticas e diante dessa lacuna, foram conduzidas buscas das interseções entre as temáticas propostas, de forma combinada. Quando procuramos sobre Teatro e Educação Matemática, encontramos a dissertação “Matemática Encena”, de Lacerda (2015), que traz o Teatro como uma ferramenta de ensino para o conteúdo de equações; a iniciativa da autora surgiu a partir de sua formação profissional como atriz e professora. A aplicação aconteceu em uma escola pública do estado de São Paulo, com alunos do Ensino Fundamental II.

Já na busca por Teatro e Educação Inclusiva, localizamos duas dissertações que foram produzidas em Portugal, sendo elas, a pesquisa de Fernandes (2018) intitulada “O teatro na Educação Inclusiva: Estudo de caso sobre o desenvolvimento da comunicação verbal e não verbal”, propõe que o Teatro é uma possibilidade de oportunizar o desenvolvimento integral do indivíduo e, assim, pode ser considerado uma estratégia pedagógica eficiente, além de promover a integração social, já que utiliza a linguagem, impulsiona a imaginação e o pensamento crítico. E o trabalho de Ferreira (2019), intitulado “Importância do teatro na

inclusão: promoção das interações sociais num grupo de alunos com dois elementos com necessidades educativas especiais”, teve como objetivo avaliar o impacto do uso de técnicas teatrais no desenvolvimento da socialização e imagem dos alunos com deficiência em relação aos estudantes de uma turma dos anos finais do Ensino Fundamental II.

Pudemos concluir que não há muitos trabalhos que dialoguem com estas temáticas e evidenciamos a importância de trabalhos nessas perspectivas.

3. Inclusão e formação de professores

No âmbito da inclusão, temos algumas declarações que marcaram seu início. A Declaração Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO,1990) foi um documento escrito durante a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, que aconteceu na Tailândia, em 1990. A Declaração ressalta que é necessário universalizar o acesso à educação para todos.

Posterior a esta declaração, temos a Declaração de Salamanca, elaborada em 1994, na Espanha, durante a Conferência Mundial sobre Educação Especial, cujo objetivo é a Inclusão, no sistema regular de ensino, de crianças, jovens e adultos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), apresentando princípios, políticas e práticas (Brasil, 1994). O documento declara que toda criança tem o direito fundamental à educação em escolas regulares e que cada uma possui características, interesses, desejos, habilidades e necessidades distintas e únicas. O documento afirma que as escolas devem receber todas as crianças, independentemente de suas capacidades e condições.

Nessa direção, Cintra e Penteado (2018) afirmam que na formação inicial dos professores é crucial para promover conhecimentos que possam ajudar no processo de ensino e aprendizagem inclusivos, além de desenvolver uma postura crítica em relação à Educação Inclusiva.

Em 2001, as Diretrizes Nacionais para Educação Especial (DNEE) – na Educação Básica – propuseram uma adequação do sistema de educação para que atendesse toda a pluralidade de alunos (Brasil, 2001). Com efeito, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada de professores destacam a importância da formação de profissionais que potencializem a consciência sobre a diversidade, diferenças de gênero, grupos geracionais, classes sociais, religiosas, étnico-raciais e necessidades educacionais especiais e enfatizam a necessidade da integração entre teoria e prática pedagógica. Elas determinam que 800 horas sejam dedicadas às práticas pedagógicas, divididas igualmente entre estágio supervisionado

e práticas dos componentes curriculares, conforme o Projeto Pedagógico da Instituição de Ensino Superior (Brasil, 2019).

As Práticas como Componente Curricular (PCC) na instituição investigada são atividades teórico-práticas que os alunos realizam sob orientação docente para desenvolver sua identidade profissional. No Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Matemática, as PCC são essenciais e estão integradas a todos os aspectos da formação do futuro professor, visando promover reflexão e criatividade desde o início até o final do curso. O objetivo é formar educadores comprometidos com o desenvolvimento humano em diversos contextos, incluindo atividades como produção de recursos pedagógicos, participação em movimentos sociais e vivências lúdicas e artísticas.

4. Educação Inclusiva: compreensões acerca da Educação Matemática Crítica

Nossa compreensão sobre Educação Inclusiva está pautada nos fundamentos da Educação Matemática Crítica tratados por Skovsmose (2019, p. 25) como sendo “uma educação que tenta ir além das diferenças e não como uma educação que tenta incluir os deficientes na normalidade”, introduzindo a concepção de uma educação que promova o encontro entre diferenças. Para exemplificar, em uma sala de aula com alunos cegos e videntes, não se pode pensar em materiais exclusivos para os alunos cegos, mas, sim, preparar materiais que possibilitem que todos os alunos usem e trabalhem em conjunto, na mesma atividade.

Marcone (2018) escreve sobre a relação de dominância entre as pessoas com e sem deficiência, nomeadas por ele como “normais” e “anormais”, apontando que as representações sobre as deficiências como estruturas do “deficiencialismo” se baseiam em uma rede de tradições, estereótipos, convenções, códigos de compreensão e organização. Sendo assim, relata que a deficiência é sempre uma invenção a partir de um ideal de normalidade como parâmetro, através de violências simbólicas, e destaca:

que a questão da “falta de” está sempre presente nestas definições. Falta, insuficiência, ausência, perda. No entanto, para se definir uma imperfeição, uma deficiência, é preciso ter o perfeito, o normal, estereótipos de normalidade e eficiência, só assim podem ser estabelecidos (inventados) parâmetros de normalidade e anormalidade (Marcone, 2018, p. 28).

Skovsmose (2019) debate a ideia de normalidade na sociedade humana, argumentando que ela é uma construção social e política promovida por alguns indivíduos, julgando as capacidades de uma pessoa. Defende ainda que as diferenças são encontradas

em todos os lugares, sendo a principal condição humana, de modo que todos possuem diferenças, sejam elas na aparência, opiniões, interesses, capacidades, entre outros aspectos, ao passo que diferenças são encontradas em todos os lugares na sociedade, e não normalidades.

Pensando no encontro entre diferenças descrito por Skovsmose (2019), podemos dialogar com o que é trazido por Marcone (2018), que destaca que o soroban é visto como a Matemática para os cegos, mas menciona que o soroban pode ser uma ferramenta útil e utilizada por todos na sala de aula, evidenciando nessa situação um cenário onde ocorre um encontro entre diferenças.

Skovsmose (2019), menciona que a Educação Inclusiva é um conceito amplo e que há muitas interpretações, incentivando a necessidade de lutar por essa interpretação específica, incentivando o uso de cenários inclusivos. Em consonância, a iniciativa de promover encontros entre diferenças tem como propósito a tentativa de construir a igualdade, ao criar ambientes inclusivos que propiciem investigações abertas a todos os estudantes, de maneira cooperativa.

Nesse contexto, identificamos o Teatro em consonância com a Imaginação Pedagógica, uma oportunidade para estabelecer cenários para investigação, e assim, propor uma atividade na PCC que auxilie na formação inicial do futuro professor na perspectiva inclusiva.

5. Teatro e Imaginação Pedagógica

O Teatro, segundo Ferreira (2019), era visto na sociedade grega como uma poderosa ferramenta educacional, crucial para a formação cívica e ética dos cidadãos, capaz de promover a interação entre os alunos e melhorar suas habilidades sociais – contudo, muitas vezes é subutilizado. Em consonância, Lacerda (2015, p.15) traz que “pensar o Teatro como uma forma de expressão individual, religiosa ou política permite uma articulação com a ideia de Educação”.

Ferreira (2019) sugere que o uso do Teatro não apenas fomente a integração, mas também contribua para o desenvolvimento das habilidades sociais, essenciais para lidar com diversas situações e desafios cotidianos. Com efeito, trazemos Ferreira da Silva (2021, p. 1319), que menciona que a arte cênica possibilita a integração entre áreas distintas, como o Teatro e a Educação Inclusiva, “como possibilidade de refletir e provocar estruturas que contrapõem

uma perspectiva normativa, mas ampliando novas abordagens pedagógicas vivenciadas pelas diferenças”.

Nessa direção, Pereira (2018) realça que o Teatro pode impulsionar a Inclusão, pois oferece vivências que auxiliam no desenvolvimento completo da criança e do adolescente em diversas áreas. Dependendo do modo como é trabalhado, o Teatro possui diversos elementos que podem ser utilizados como uma ferramenta para promover a inclusão social, pois estimula a autonomia, o diálogo, a percepção e a reflexão crítica.

Para trabalhar o Teatro na formação inicial em uma atividade na PCC, lançamos mão da Imaginação Pedagógica, proposta por Ole Skovsmose. A IP surgiu em trabalhos de doutorado na África do Sul, pós-regime Apartheid, diante da necessidade de se pesquisar algo ainda não presente. Assim, propuseram-se a investigação de possibilidades e a imaginação do que poderia acontecer, explorando diálogos e ações relacionados a essas possibilidades (Skovsmose, 2015, 2019; Skovsmose; Penteado, 2007).

A Imaginação Pedagógica exige recursos e combustível, sendo fundamentada em concepções como justiça social, democracia e equidade, que proporcionam um terreno fértil para a IP. Esses conceitos, tão contestados, possibilitam à imaginação ser explorada de maneiras diversas. A IP refere-se a um processo que busca desenvolver e relacionar diferentes situações atuais, experimentais, arranjadas ou imaginárias, indo além de um paradigma descritivo (Skovsmose, 2015).

Skovsmose (2015, p.77) afirma que “uma Imaginação Pedagógica pode dispor de recursos em uma gama de conceitos abertos e contestados”, não sendo só teórica, mas também prática. Reforça que algumas práticas alternativas podem ser um recurso importante para a IP, em que “a imaginação pedagógica tem não só um recurso conceitual, mas também um recurso prático e específico” (p. 78), podendo ultrapassar a realidade.

6. Espaço para o trabalho em um curso de Licenciatura em Matemática

O estudo foi desenvolvido no âmbito de uma disciplina de “Prática como Componente Curricular – Educação Matemática Inclusiva” de um curso de Licenciatura em Matemática, em uma universidade pública, com carga horária de 75 horas-aulas distribuídas ao longo de 15 semanas, sendo 30 horas-aula presenciais e 45 horas-aula à distância.

O trabalho desenvolvido foi dividido em dois momentos: o primeiro foi dedicado à leitura de textos que vão em direção às discussões sobre o que podemos compreender sobre

Educação Inclusiva e Roteiro Teatral: o caso de uma abordagem via Imaginação Pedagógica em um curso de Licenciatura em Matemática.

Inclusão, trazendo aspectos históricos e educacionais; e o segundo momento foi a elaboração de um Roteiro Teatral que buscasse indicar o que os alunos compreenderam sobre Inclusão.

O primeiro momento proporcionou discussões e problematizações correlacionadas à igualdade de direitos, coletividade, interação e criatividade, de forma a proporcionar a aprendizagem para todos os alunos. Para isso, foram estudados os documentos: Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990) e Declaração de Salamanca (1994). Em seguida, foram realizados estudos dos textos: “Desconstruindo narrativas normalizadoras” (Marcone, 2018); “Inclusões, Encontros e Cenários” (Skovsmose, 2019) e “Desafios na Inclusão escolar do aluno com deficiência visual nas aulas de Matemática” (Miranda; Baraldi, 2018).

A partir das leituras dos textos, das discussões e da IP, os alunos foram convidados a imaginar uma situação teatral, que envolvesse a necessidade de explicar o que eles entendiam sobre Inclusão. Para isso, foram explicados e entregues aos alunos da disciplina, durante uma das aulas, o que é um Roteiro Teatral, suas características e um passo a passo para realizá-lo. Na figura a seguir, trazemos alguns dos conceitos utilizados na estrutura de um roteiro.

Figura 1 – Estrutura de um Roteiro.



Fonte: Print screen da tela de apresentação, elaborado pelas autoras (2023).

Os alunos da disciplina foram organizados em três grupos, sendo duas duplas e um trio, e foram convidados a realizar uma IP que desencadeasse uma situação que envolvesse a elaboração de um Roteiro Teatral com o objetivo de explicar “O significado de Inclusão”. Para isso, foi apresentado aos alunos como elaborar um Roteiro Teatral, explicado as definições e características que compõem uma peça teatral. Após o convite, os grupos discutiram e

elaboraram os roteiros, que mais tarde foram apresentados em sala de aula, momento em que puderam socializar o que haviam compreendido sobre o conceito de Inclusão. Os Roteiros Teatrais apresentamos a seguir.

O roteiro 1, imaginado por três alunos, intitulado “Entre o Giz e a Lei: professora diante do tribunal”, possui doze personagens e é dividido em três atos. Ele se inicia em uma sala de aula, onde ocorre a discriminação com Kauã por parte de sua professora, Paloma, que exclui o aluno por ele ter Transtorno do Espectro Autista. Após o ato de discriminação, Kauã e seus amigos, procuram a supervisão da escola e informam o acontecido. Ao chegar em casa, Kauã conta aos seus pais o ocorrido, os quais ficam indignados com a situação e buscam a ajuda de uma advogada, que abre uma queixa contra a professora. Paloma então é levada ao tribunal e julgada pelo seu ato. Durante o julgamento, há o testemunho de alguns colegas de Kauã e também da supervisora da escola. Ao longo do julgamento, é explicado o que é Inclusão e algumas leis que regulamentam e define esse conceito, finalizando assim o roteiro.

O roteiro 2, imaginado por duas alunas, “Um aprendizado sobre Inclusão a partir da perspectiva de Sebastião”, possui sete personagens e é dividido em cinco atos. O roteiro se inicia com a conversa de Sebastião e sua neta Mariana, após assistirem a um noticiário, que mostra um aluno com Síndrome de Down que foi agredido pela sua professora, em que Mariana explica para o seu avô o que é Inclusão e uma escola inclusiva, ressaltando sua importância, características e fundamentos. Após a conversa com sua neta, Sebastião compartilha com seu amigo Antônio, que possui um neto com Transtorno do Espectro Autista, o que aprendeu.

Antônio fica entusiasmado com tal informação e, junto com sua filha Maria Luiza, conversam com Mariana e descobrem os direitos que seu neto Lucas possui. Assim, depois de entender os direitos de seu neto, Antônio e sua filha vão à escola em busca deles. Por fim, o roteiro finaliza com uma pescaria entre Sebastião e Antônio, em que este relata que recebeu um retorno da escola e seu neto terá uma professora de apoio para acompanhá-lo.

O roteiro 3, imaginado por dois alunos, “Nota a nota – diferentes tons, diferentes melodias”, possui nove personagens e é dividido em três atos. O roteiro se inicia em uma sala de aula em que a professora de matemática, Rosana, presencia uma discussão entre seus alunos. Após a discussão, um de seus alunos a informa o motivo da mesma, mencionando que os colegas estavam implicando uns aos outros por possuírem alguma deficiência, já que um aluno é surdo e dois possuem Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.

Após algumas intercorrências, a professora Rosana pensa em alguma forma de melhorar essa situação e propõe ao professor de artes uma aula interdisciplinar, juntando música e matemática. A aula acontece e com ela a professora consegue mostrar para os alunos a importância das diferenças, de se criar um ambiente com mais respeito e inclusivo.

Ao final da apresentação dos três roteiros, foi aplicado um questionário, em que buscamos compreender as experiências dos alunos por meio da realização da prática, com o intuito de investigar o entendimento sobre o trabalho desenvolvido. Assim, o Roteiro Teatral e o questionário são os dados constituintes desta pesquisa de cunho qualitativo, que, para Goldenberg (2004), se preocupa mais com o processo do que com o resultado final, de maneira que o pesquisador pode fazer o uso de diversas ferramentas para a coleta de dados, sendo ele o principal instrumento. O intuito da pesquisa qualitativa é compreender as informações adquiridas através de uma análise criteriosa de informações e não testar hipóteses para comprová-las.

Concluída a apresentação, adentramos a próxima seção, em busca de analisar os impactos, na formação inicial do futuro professor de Matemática, de trabalhar a Educação Inclusiva em uma disciplina de PCC. Para tanto, analisamos os roteiros teatrais elaborados pelos grupos e o questionário aplicado ao término do trabalho, buscando identificar aspectos significativos relacionados à formação inicial dos alunos.

A análise foi feita pelo método indutivo de acordo com Moraes (2003), em que as categorias são construídas a partir das informações presentes nos dados analisados, ocorrendo a comparação e organização das unidades analisadas, de forma que o pesquisador as agrupa em conjunto, conforme os elementos semelhantes, e após todo esse trabalho minucioso, em se tratando das categorias de análise, consideramos aquelas que serão discutidas a seguir.

7. Os caminhos percorridos para a elaboração do Roteiro Teatral: leituras e Imaginação Pedagógica

Buscamos compreender o processo de elaboração do Roteiro Teatral por meio da IP e percebemos que a leitura dos textos, na primeira fase da disciplina, foi de extrema importância, pois os alunos foram estudando, discutindo e adquirindo novos conhecimentos sobre o tema Inclusão, conforme trazemos:

[...] a leitura dos textos sobre inclusão foi fundamental para embasar a criação do roteiro. Esses textos forneceram insights sobre como abordar a diversidade,

os desafios enfrentados por diferentes grupos e as melhores práticas para promover a inclusão. A compreensão dos conceitos teóricos contribuiu para criar personagens mais autênticos e para desenvolver situações que refletissem a importância da inclusão de maneira mais sensível e educativa (Amanda).

As leituras foram essenciais e abrangentes, pois, além de documentos e textos que relatassem o que era Inclusão, houve a leitura de relatos de experiência que mostravam uma sala de aula não inclusiva (Miranda; Baraldi, 2018), o que serviu como reflexão sobre a importância da sala de aula inclusiva, além de fazer com que os alunos pensassem em soluções para criar ambientes inclusivos em situações que futuramente poderão aparecer.

Percebemos também que esse momento inicial auxiliou na Imaginação Pedagógica para a elaboração do Roteiro Teatral, ao passo que, com o auxílio dos textos, puderam imaginar diversas situações, conforme se depreende da fala de Daniel:

[...] a base dos textos foi importante para estabelecermos o que entendemos a respeito da Inclusão, e a partir disso imaginar uma situação que, através do roteiro, transmitisse o que o grupo compreendeu sobre o que vem a ser Inclusão.

E na fala de Fernanda “[...] colocamos um trecho no roteiro em que a neta comenta com seu avô sobre um dos artigos que lemos. Imaginamos contando para nossas avós sobre o que seria inclusão, baseado nos artigos lidos”. Consideramos que as leituras e discussões dos textos iniciais foram primordiais para o desenvolvimento do trabalho. Foi por meio das discussões advindas desses momentos que os alunos começaram a compreender a educação para pessoas com deficiência, entendendo também o conceito de Educação para Todos, independentemente das suas dificuldades ou diferenças.

O processo da IP foi importante para o desenvolvimento do Roteiro Teatral, pois a escrita se impulsionou a partir do convite para imaginar uma situação que não só pode ser observada, mas também propícia para mudanças em alguns aspectos. Nessa direção, Skovsmose (2015) ressalta que a IP não surge do nada, ela necessita de estímulos e, através dela, podemos planejar e imaginar possibilidades de melhora para alguma situação.

Os alunos imaginaram situações que, para eles, seriam mais fáceis ou interessantes para explicar o que entendem sobre Inclusão, a partir de situações do cotidiano, como, por exemplo, o grupo que optou por trazer, no Roteiro Teatral, uma situação em tribunal, visto que uma das integrantes do grupo gosta de assistir a séries que envolvem essa temática. Não obstante, uma aluna de outro grupo comentou que:

Educação Inclusiva e Roteiro Teatral: o caso de uma abordagem via Imaginação Pedagógica em um curso de Licenciatura em Matemática.

[...] o que me ajudou (e muito) foi me imaginar conversando com minha avó e explicando para ela o que é inclusão. Este também foi o motivo pelo qual tentamos abordar o tema de uma maneira mais leve e mais compreensível para qualquer idade, sem termos muito técnicos ou sem palavras tão caprichosas, afinal, o avô do roteiro era uma pessoa simples e com pouco estudo, o que se assemelha com a minha vida. Essa imaginação me permitiu elaborar os diálogos entre os personagens Mariana e seu avô sem muitas dificuldades (Fernanda).

Os grupos criaram situações distintas, que foram desenvolvidas nos Roteiros Teatrais, para se explicar o que entendem sobre Inclusão, de modo que cada roteiro trouxe uma situação diferente, conforme a familiaridade com a IP. Conforme Amanda menciona, “foi preciso pensar em como inserir personagens com características diversas e lidar com situações de discriminação de maneira educativa”, dando a entender que seu processo de imaginação surgiu a partir de um ato de desrespeito. Pode-se perceber que essa situação esteve presente em todos os roteiros, ao passo que todos começaram com uma situação em que ocorria, de alguma maneira, uma discriminação ou preconceito, para entrar no assunto Inclusão.

Ferreira da Silva (2021) menciona que as artes cênicas possibilitam a integração entre áreas distintas; aqui podemos observar que a junção entre o Roteiro Teatral e a Imaginação Pedagógica possibilitou experiências valiosas, como menciona Elisa: “nunca havia feito nada parecido, foi uma experiência bem interessante pensar em situação que pode ocorrer no nosso cotidiano, principalmente na área inclusiva, e elaborar um teatro com base nisso”.

Nessa direção, Pereira (2018) salienta que o Teatro pode impulsionar a Inclusão e o desenvolvimento completo do aluno, despertando a criatividade e o trabalho em grupo. A preocupação em se explorarem diferentes potenciais dos personagens, abrangendo a diversidade, foi observada por Bruno, que menciona que: “no processo de criação dos personagens diversos, no roteiro, foram explorados diferentes perfis de estudantes e indivíduos, cada um com suas habilidades, desafios e formas únicas de aprender matemática.”

Bruno acrescenta que esse processo aumentou sua sensibilidade “para a diversidade de estilos de aprendizagem e necessidades individuais”, de maneira que o trabalho possibilitou a aquisição de novos conhecimentos.

Sobre a elaboração do Roteiro Teatral, evidenciamos que foram encontradas algumas dificuldades, contudo elas foram contornadas a partir da aula e do material disponibilizado. Conforme Carol comenta, “para construir o nosso Roteiro Teatral, recorreremos ao que

lembramos da apresentação e, conforme apareceram as dúvidas, recorreremos ao material disponibilizado”.

Indo ao encontro do que é ressaltado, destacamos a importância do trabalho prático em grupo, ao passo que as discussões proferidas nesses trabalhos abrem novos olhares e reflexões, além de explorarem investigações colaborativas inclusivas, descritas por Skovsmose (2019).

Além disso, com os relatos, foi possível compreender que os alunos perceberam a importância da disciplina de PCC na perspectiva inclusiva e como o processo de Imaginação Pedagógica e escrita do Roteiro Teatral ajudou no desenvolvimento de se pensar em novas possibilidades e ferramentas de ensino, o que revela a importância de interligar prática e teoria durante o processo de formação, auxiliando na criação da identidade profissional do aluno-docente.

Ademais, embora tenham encontrado alguns obstáculos – o que para Skovsmose e Penteado (2007) está dentro do esperado, visto que a grande maioria dos alunos apresenta dificuldade em iniciar trabalhos com projetos a serem desenvolvidos, pois estão acostumados a repetir o que o professor faz e não estão habituados a debater em grupos, a conjecturar sobre suas próprias ideias e reformulá-las quando necessário –, observamos que o trabalho foi uma oportunidade para desenvolver habilidades nessa direção, propondo experiências, curiosidades, trabalho em grupo e a necessidade de um consenso.

8. Inclusão e suas percepções

Buscamos aqui compreender o que os licenciandos aprenderam sobre o conceito de Inclusão. Iniciando o Roteiro Teatral, são apresentadas as IP, que envolvessem a necessidade de explicar o que eles entendiam sobre Inclusão. Pudemos perceber que as situações iniciais imaginadas remeteram a processos de exclusão, discriminação e preconceito.

Encontramos nos Roteiros Teatrais falas que relatam o preconceito dos colegas com os alunos da turma com deficiência: “É verdade, se o João é surdo, o que ele está fazendo aqui? Ele deveria ir para uma escola de surdo” (roteiro 2); falas sobre o processo de integração e segregação: “A atividade de hoje é sobre variação linguística e vocês poderão resolver os exercícios em grupo, exceto você, KAUÃ (dando ênfase, de forma pausada), que vai fazer com sua professora de apoio... (expressões de descaso)” (roteiro 1).

Entendemos por integração o movimento de inserir a pessoa na sociedade, sendo que essa inserção não garante o acesso à igualdade de direito, diferentemente da Inclusão, que

valoriza e reconhece a diversidade. Já a segregação consiste em separar as pessoas, criando ambientes separados e um distanciamento da sociedade, não garantindo o mesmo acesso e direito das demais pessoas.

Em relação ao processo de inserir alunos com deficiência em sala e o preparo dos professores para receber esses alunos em suas salas de aula, nos reportamos ao que é imaginado no Roteiro Teatral do grupo 1, que traz a fala de um dos alunos com deficiência, em que podemos perceber a discriminação que ele sofre por ser autista, por parte de sua professora: “Ela sempre me tratou diferente dos meus colegas, e hoje ela disse que eu teria que fazer uma atividade diferente dos meus amigos, e ainda por cima não deixou eu fazer junto com eles, disse que teria que fazer com a fessora de apoio”. Tal afirmação não é de surpreender. A literatura nos indica que há grande resistência da maioria dos professores em receber alunos com deficiência em suas salas de aula, e que revelam expectativas pautadas em valores excludentes e consideram que o insucesso na aprendizagem está relacionado à deficiência, como mostram Oliveira e Araújo (2012).

Possivelmente a professora imaginada não teve acesso e nem oportunidade, durante a sua formação, de discutir sobre Inclusão, visto que as novas diretrizes que enaltecem disciplinas que envolvam Inclusão durante a formação inicial do futuro docente são recentes. Nessa direção, Cintra e Penteado (2018) ressaltam que é preciso que sejam discutidas, nos cursos de formação, questões que envolvam inclusão e que sejam oferecidas práticas pedagógicas que procurem incluir todos os alunos da sala.

Não obstante, na situação imaginada podemos perceber a prática de microexclusão, definida por Faustino *et al.* (2018, p. 900) como sendo:

práticas sutis, realizadas de forma consciente ou não, que tendem a ‘isolar’ o indivíduo em determinado ambiente, na maioria das vezes considerado inclusivo, apresentando-se como um obstáculo para seu desenvolvimento humano.

Outras falas nesse segmento foram observadas, como no roteiro 2, em que a personagem defende que: “O aluno estar dentro da sala e não participar das atividades como todo mundo não é Inclusão. Isso é a integração e é uma falsa Inclusão, onde se inclui somente no ambiente, mas não se inclui nas atividades”. Percebemos que foi mencionado um procedimento corrente na sociedade, visto que muitas vezes o processo de Inclusão é confundido com o de integração, sendo esses processos com características distintas.

No roteiro 1, também encontramos que “incluir não é apenas dispor de uma sala diversificada. É garantir que cada aluno desta sala tenha a oportunidade de aprender, independente de suas necessidades educacionais”, reconhecendo a importância de incluir e não apenas integrar o aluno, focando na garantia de oportunidades para todos, criando um ambiente que seja acessível à diversidade, independentemente das características de cada aluno, conforme é proposto por Skovsmose (2019), que sugere compreender a Inclusão como o encontro entre as diferenças.

Abordando as características de cada ser humano, podemos observar, no trabalho, menções sobre o foco nas dificuldades e limitações das pessoas com deficiência, enfatizando a importância de valorizar as potencialidades de todos os alunos, não suas limitações, visto que todos os seres possuem dificuldades em algo, conforme Marcone (2018) enfatiza.

No roteiro 2, percebemos a seguinte fala: “O que as pessoas focam é na falta de algo e não nas habilidades que estes alunos têm”. Podemos associar essas falas com que é dito por Marcone (2018). No roteiro 1 também encontramos:

A sala de aula é um lugar de encontros, experiências e jeitos mais diferentes de ser e estar no mundo... Hoje em dia é, infelizmente, normal uniformizar a aprendizagem, mas o único padrão existente é, justamente a ausência de padrão, a diferença de cada um dos alunos é que vai orientar o processo de ensino e aprendizagem e envolver a todos à construção dos conhecimentos.

Podemos aproximar essas definições com os textos de Skovsmose (2019) e Marcone (2018), que apresentam respectivamente a Inclusão como encontro entre diferenças e a definição de padrões abordando o conceito de normalidade. Além disso, nesse mesmo roteiro menciona-se que se deve “criar um ambiente escolar em que todos ensinam e aprendem uns com os outros!”, indo ao encontro da definição dos cenários para investigação inclusivos definidos por Skovsmose (2019).

Mencionando o texto de Marcone (2018) e sua definição de pessoas normais (sem deficiência) e anormais (com deficiência), no roteiro 2 se faz essa comparação:

O direito à educação é uma garantia de todos, vovô. Assim, todos tem direito a uma mesma educação de qualidade. Separar as escolas entre escolas para os “normais” (Mariana faz aspas com as mãos) e os “não normais” (Mariana repete o mesmo movimento) não é garantir uma educação de qualidade igualitária para todos.

Sobre Educação Inclusiva, Bruno menciona que:

Educação Inclusiva e Roteiro Teatral: o caso de uma abordagem via Imaginação Pedagógica em um curso de Licenciatura em Matemática.

[...] a inclusão representa um compromisso essencial e transformador com a equidade, diversidade e o respeito para com qualquer pessoa. É mais do que simplesmente permitir que todos estejam presentes no mesmo espaço; trata-se de criar ambientes educacionais que reconheçam e valorizem as singularidades de cada indivíduo.

Em consonância, Amanda traz que: “A Inclusão não se trata apenas de aceitar as diferenças, mas de promover um ambiente onde todos se sintam valorizados e respeitados”, refletindo a importância da busca por espaços inclusivos, em que seja possível a construção da igualdade, ressaltando que todos têm direito a uma educação digna e de qualidade. Assim, no roteiro 1 se aborda que: “A escola [...] deve ser acolhedora! Porque na escola deve caber todos, não importa como o aluno é, de onde vem, a escola é lugar de Inclusão onde todos podem aprender!”.

Percebemos a aproximação dos Roteiros Teatrais com as leis e diretrizes que garantem o direito à Inclusão e o acesso das pessoas com deficiências às escolas regulares, como traz o roteiro 2 “A lei garante o direito à Inclusão e é responsabilidade da escola proporcionar um ambiente acolhedor e adaptado para qualquer aluno com necessidades especiais [...]” e o roteiro 1:

[...] a escola tem uma política clara e organizada de inclusão. Trabalhamos para garantir que todos os alunos recebam não só a atenção, como também os recursos necessários para que seu aprendizado seja efetivo e sua experiência na escola seja a melhor possível.

Ademais, ressaltando as diferenças e reconhecendo que o que mais encontramos são semelhanças e não normalidades na sociedade, o roteiro 3 traz que, “assim como as notas musicais, nós somos diferentes, e isso não quer dizer que é ruim. Muito pelo contrário, se todos fossemos iguais não formaríamos uma melodia juntos [...]”; e o processo de Inclusão é garantir que toda essa diversidade, sem exceção, tenha acesso ao que é deles por direito e que, logo, construa-se uma igualdade, em que todos tenham os recursos necessários para garantir uma vida digna, com direitos iguais e uma educação de qualidade.

Podemos perceber que, durante o trabalho desenvolvido, os alunos foram estudando e conhecendo mais sobre Inclusão e modificando sua compreensão diante das diferenças. Ao final, passaram a ter uma nova visão e entendimento sobre o tema.

9. Influências na formação inicial dos participantes

Ao longo do trabalho, foram desenvolvidas práticas e atividades que, compreendemos, geraram novos conhecimentos que influenciaram na formação inicial dos participantes e acreditamos que a compreensão do que vem a ser Inclusão foi um marco importante na formação desses futuros professores. Muitos tinham dúvidas sobre o que era Inclusão, confundiam esse conceito com outros, não entendiam sobre sala de aula inclusiva, tinham dúvidas sobre como ministrar aulas em um ambiente inclusivo, entre outras; e, por meio do trabalho proposto, ampliaram seus olhares e compreensões acerca do assunto pautados principalmente nos referenciais teóricos que estudaram, e a olhar para a Inclusão como um encontro entre diferenças (Skovsmose, 2019).

O termo 'Inclusão' esteve bastante presente nas respostas do questionário dos alunos, enfatizando o olhar atento para as situações cotidianas e futuramente em suas salas de aula. Carol diz que: "Abordar o tema Inclusão é extremamente relevante quando falamos de formação de professores", ressaltando a importância de se ter um olhar atento para as necessidades de cada aluno em busca de oferecer uma educação de qualidade para todos.

Percebemos que quando apresentaram os Roteiros Teatrais para todos em sala de aula, esse também foi um momento de grande aprendizado, visto que socializaram seus saberes a partir do que desenvolveram e também refletiram sobre como os colegas compreenderam e abordaram o tema Inclusão em seus trabalhos. Nessa direção, Daniel relata: "Um exemplo é que, após a atividade e observar os roteiros dos colegas, pude agregar mais ainda o meu pensamento que o conceito de Inclusão não permeia apenas as salas de aula, ele permeia a sociedade como um todo".

Dessa forma, evidenciamos que os alunos tiveram novas aprendizagens e puderam imaginar/observar diferenças práticas, cenários e características para se trabalhar e aplicar o que entendem sobre Inclusão. Com efeito, influenciou os futuros professores para o olhar atento à diversidade presente nas escolas, de maneira que possam ter maior suporte ao lidar com as diferenças no ambiente escolar.

Pensando nos possíveis cenários para explicar o que vem a ser Inclusão, o processo da IP trouxe possibilidades para que os alunos observassem que a Inclusão está em todos os lugares, não apenas na sala de aula. Ademais, pode-se perceber o benefício do trabalho para a formação, em razão de que, com essa abordagem, os alunos construíram distintas situações em que se tornam necessárias ações inclusivas e, com a apresentação dos Roteiros,

evidenciaram cenários bem distintos em que ocorre o processo de Inclusão, mantendo o olhar atento para todos.

Assim, Cintra e Penteado (2018) mencionam a importância de se pensar em novas práticas de ensino e ferramentas distintas, durante o processo de formação dos futuros docentes, que os coloquem a pensar em suas futuras práticas com olhar atento para a diversidade – e aqui nos apoiamos no Roteiro Teatral e na IP. A esse respeito, Bruno aponta que “o roteiro teatral também se apresenta como uma ferramenta [...] que poderá compor as dinâmicas das aulas, visto que se mostra como uma forma de aprendizagem ativa e prática”.

Com isso, podemos perceber o Teatro como uma ferramenta para o ensino, criando ambientes de aprendizagem significativos; além disso, com o relato anterior, podemos pensar ainda no uso do Teatro como uma alternativa para a construção dos cenários para investigação inclusivos definidos por Skovsmose (2019), em que os alunos trabalhem em conjunto e desenvolvam habilidades distintas, valorizando as potencialidades de cada um e atendendo à diversidade. Além disso, foi possível perceber que o trabalho incentivou e oportunizou a criatividade dos participantes, conforme Amanda comenta:

Acredito que aprender e discutir inclusão, assim como a criação dos personagens e a abordagem dos temas sensíveis, proporcionaram uma reflexão profunda sobre a responsabilidade do educador em promover um ambiente acolhedor e respeitoso para todos os alunos.

Por fim, consideramos a importância de os licenciandos conhecerem as leis que regem os direitos das pessoas com deficiência, em especial no que diz respeito à inclusão e à Educação para Todos.

10. Considerações Finais

Consideramos que o trabalho, pautado em leituras, discussões e práticas em busca da compreensão do que é Inclusão, com o convite para a realização da Imaginação Pedagógica e a escrita do Roteiro Teatral, possibilitou aos participantes o entendimento do que é Inclusão e a aquisição de novos conhecimentos sobre a temática, particularidade que deve ser assegurada ao aluno durante o curso de formação de professores, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.

Ressaltamos a importância das disciplinas de PCC para a perspectiva inclusiva no currículo, ambiente em que ocorreu esta investigação, pois, por meio delas, trabalhamos o

que é recomendado pelas Diretrizes e confirmamos o que a literatura sobre esse assunto nos revela: a relevância de o professor formador incentivar o licenciando a desenvolver uma atitude crítica sobre diversidade. Acreditamos que o Teatro, em consonância com a Imaginação Pedagógica, se fez como uma possibilidade de trabalho a ser desenvolvido, por meio da construção dos cenários para investigação definidos por Skovsmose (2019).

Avaliamos que o trabalho desenvolvido enriqueceu a formação inicial dos participantes no que se refere ao desenvolvimento de estratégias, de busca e de interpretação sobre o tema Inclusão. Em especial, os participantes adquiriram conhecimentos sobre a inclusão de pessoas com deficiência, e, assim, criaram uma consciência crítica a respeito das diferenças. Podemos afirmar que são poucos os estudos que envolvem as temáticas Formação de Professores de Matemática, Teatro e Inclusão, de modo que esperamos que este trabalho motive a realização de novas investigações que relacionem essas temáticas.

Referências

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca**: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: MEC, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Professores para a Educação Básica**. Brasília: MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC; SEESP, 2001. 79 p.

CINTRA, Vanessa de Paula; PENTEADO, Miriam Godoy. Educação Matemática e Inclusão em cursos de licenciatura: o caso de uma abordagem via trabalho com projetos. In: ROSA, Fernanda Malinosky Coelho; BARALDI, Ivete Maria (org.). **Educação matemática inclusiva: estudos e percepções**. 1. ed. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2018. p. 63-80.

CORDEIRO, Janivaldo Pacheco **Dos (Des)caminhos de Alice no país das maravilhas ao autístico mundo de Sofia – A matemática e o teatro dos absurdos**. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

FAUSTINO, Ana Carolina; MOURA, Amanda Queiroz; SILVA, Guilherme Henrique Gomes; MUZINATTI, João Luiz; SKOVSMOSE, Ole. Macroinclusão e microexclusão no contexto educacional. **Revista Eletrônica de Educação** [online], v. 12, n. 3, p. 898-911, 2018. ISSN 1982-7199. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2212/744>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FERNANDES, Maria Margarida Pereira. **O Teatro na Educação Inclusiva**: Estudo de caso

Educação Inclusiva e Roteiro Teatral: o caso de uma abordagem via Imaginação Pedagógica em um curso de Licenciatura em Matemática.

sobre o desenvolvimento da comunicação verbal e não verbal. 2018. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, 2018.

FERREIRA, Telmo Alexandre da Silva. **Importância do teatro na inclusão:** Promoção das interações sociais num grupo de alunos com dois elementos com Necessidades Educativas Especiais. 2019. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2019. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/28090/1/TELMO_FERREIRA.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023.

FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto Teatro e Educação Inclusiva: uma pedagogia do teatro com pessoas com deficiência em tempos de Ensino Remoto Emergencial no Acre. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, MG, v. 23, n. 3, 2021.

GOLDENBERG, Mírian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 107.

LACERDA, Hannah Dora de Garcia. **Educação Matemática Encena.** 2015. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2015.

MARCONE, Renato. **Desconstruindo narrativas normalizadoras.** Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2018. In: ROSA, Fernanda Malinosky Coelho; BARALDI, Ivete Maria (org.). **Educação matemática inclusiva:** estudos e percepções. 1. ed. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2018. p. 17-36.

MIRANDA, Edinéia Terezinha de Jesus; BARALDI, Ivete Maria. **Desafios na Inclusão Escolar do Aluno com Deficiência Visual nas aulas de Matemática.** 2018. In: ROSA, Fernanda Malinosky Coelho; BARALDI, Ivete Maria (org.). **Educação matemática inclusiva:** estudos e percepções. 1. ed. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2018. p. 81-98.

MORAES, Roque Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça; ARAÚJO, Clarissa Martins de. A formação de professores para a educação inclusiva: um olhar sobre os saberes docentes do professor-formador. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., Porto de Galinhas, PE. **Anais [...]**. 2012.

PEREIRA, Manaíra de Melo Teatro na perspectiva da Educação Inclusiva. In: CONEDU – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5. **Anais [...]**. Realize Editora, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/TRABALHO_EV117_MD4_SA10_ID8958_28082018090241.pdf. Acesso em: 25 maio 2023.

SKOVSMOSE, Ole. Inclusões, encontros e cenários. **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 24, n. 64, p. 16-32, Set./Dez. 2019.

SKOVSMOSE, Ole. Pesquisando o que não é, mas poderia ser. **Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática**, Campinas, SP, n. 1, p. 63-90, 2015.

SKOVSMOSE, Ole; PENTEADO, Miriam Godoy. Trabalho com projetos na Educação Matemática. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 9., 2007, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2007.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem**, 1990.

Sobre os autores

Ana Luiza Muniz Corrêa

Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (2023). Atualmente trabalha no Colégio Cenecista Doutor José Ferreira. É pesquisadora do grupo GEPEMI (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva) (UFTM). E-mail: anamunizcorrea99@gmail.com e Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4643-921X>.

Rafael Peixoto

Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia (2004), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (2007), e doutorado pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (2011). Atualmente é docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, ministrando aulas nos cursos de Licenciatura em Matemática e no Programa de Mestrado profissional em Matemática em rede nacional. Faz parte do grupo de pesquisa GEPEMI (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva) (UFTM). E-mail: rafael.peixoto@uftm.edu.br e Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3605-4006>.

Vanessa de Paula Cintra

Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia (2007), mestrado e Doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2010) e (2014). É docente na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e ministra aulas na graduação e em Programas de Pós-graduação. É pesquisadora dos grupos: GEPEMI (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva) (UFTM), NUPEME (Núcleo de Pesquisa em Mídias na Educação) (UFU) e Formação de Professores, Cultura Digital e Aprendizagem (Forproca) (UFTM). E-mail: vanessa.cintra@uftm.edu.br e Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6464-4882>.

Recebido em: 29/03/2024

Aceito para publicação em: 06/04/2024